

Qualidade de Morte¹⁰

Padro Henrique Saraiva Leão

Talvez não seja tempo apropriado para um ano novo, embora todo novo ano traga, e tenha, falado muito em qualidade de vida como se não fosse a morte a única certeza nesta tragicômica vida humana.

Próspero Marchesi (o autor da morte Lisboa, 1970) da Faculdade de Medicina de São Paulo (1923-1980), autor de "Morte" (1969), "Fato é que a morte não se pode olhar de frente". Aquando a morte se apresenta, existindo mesmo uma "tanatologia", "tanatopsia", da cultura grega, com seus cuidados paliativos e o "doutor da morte" que é laudado. Prática-se, contudo, uma "tanatologia" e, em 1972, estas modernas catedráticas descrevem a morte.

Ainda não se usou aqui em 25/6/2007 ("O direito de morrer", 19/4/2007) ("Agora é hora de deixar morrer", 13/10/2010) 6ª PARTE

TRANSCRIÇÕES

Quando surge o conceito de autodeterminação do indivíduo (em relação à saúde e à recusa de medidas médicas) - a chamada "obstinação terapêutica" - de acordo com a Lei nº 10.741/2003.

Desde 13/3/1999 está vigente a Lei nº 10.241/2001, Lei Márcio Covas, e no seu artigo 2º, § 3º, inciso II, como direito do paciente terminal recusar técnicas de intervenção extraordinárias para prolongar-lhe a vida. E, sabidamente, em novembro de 2007, o Conselho Federal de Medicina já aprovou a suspensão de procedimentos de morte em terminais incuráveis. Tal é a chamada "eutanásia passiva", desejo exposto, inequívoco do doente ou de sua família, suspender-se-lhe o tratamento, por não mais haver esperança.

¹⁰ O livro "Morte" de Próspero Marchesi, 1969, edição de 1970, Editora do Brasil, 1970, 1971, 1972, 1973, 1974, 1975, 1976, 1977, 1978, 1979, 1980, 1981, 1982, 1983, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025.

Cemitério São João Batista (Antigo Cemitério São Casemiro)

Quando o espírito se desprende da matéria deixando inerte o corpo, prossegue na caminhada em busca de alcançar o perdão dos pecados e merecer de Deus a Vida Eterna.

Zenilo Almada

Diz o provérbio; "Cada qual enterra seu pai como pode". Dessa demonstração de afeto e respeito, pode até concluir na defunção do ente estimado, numa última homenagem, amigos do pranteado o reverenciam segundo os costumes, elevando ao Deus Criador súplicas para sua bem-aventurança no mundo Maior, perdoando-lhes os pecados, inumando-os segundo os preceitos. Dessa forma o sepultamento era irreversível.

O primeiro cemitério de Fortaleza – "São Casemiro", conhecido também como "Cemitério Croatá" teve início em 1848, na Praça Castro Carreira - Praça da Estação Central, entre as ruas General Sampaio e 24 de Maio, transferindo-se depois em 1866, para a Rua Padre Mororó, entre as ruas Senador Alencar, Rua Tijubana e, Senador Castro e Silva, com denominação de Cemitério São João Batista, conforme dados fornecidos por antigas famílias ali residentes.

Antes dessa época, os sepultamentos eram feitos nas igrejas, nas paredes de grandes espessuras que circundam as arcadas internas, para os que tinham melhores condições econômicas para pagar as despesas com sepultamento. Os que não tinham como arcar com os funerais, as pessoas sem recursos eram enterradas nas ruas, em valas comuns abertas para esse fim. Era sepultamento coletivo a céu aberto.

Com a epidemia causada pela "Peste Bubônica" ou febre amarela, morreram inúmeras pessoas, adultas e crianças. Abriram-se valas e mais valas no centro da cidade nas principais ruas, porque não havia tempo suficiente para fazer o sepultamento dos infelizes cadáveres, e o Cemitério São Casemiro já não comportava tantos cadáveres amontoados, a serem enterrados, devido à incidência da peste que dizimou a população do centro de Fortaleza, cujo preocupante índice abalou a cidade.

Distante de alcançar a lateral que margeava o alto muro do campo santo, se ouvia o uivar dos ventos altaneiros que se entrelaçavam tremulando por entre os grandes galhos de ciprestes a balançar ninhos de passarinhos que entoavam maviosos e repetidos estribilhos, anunciando o anoitecer e a vigília do "campo santo". Procuravam guarida, para antes do amanhecer e contracenavam com o lúgubre canto das corujas, cujo olhar satânico a todos apavorava. Seu vôo rasteiro, partindo do silêncio sepulcral fazia confidências adormecidas, transpiradas após a morte como se fossem vozes trazidas pelo ar. Era como se ressuscitasse do corpo inerte que se metamorfoseou e, num suspiro divino pudesse participar, com uma legião de mortos que esperam seu lugar no céu, de alguns momentos sublimes.

À noite, sopradas pela brisa do mar, vetustas árvores faziam saudações noturnas no campo santo do São João Batista, secular cemitério de nossa Fortaleza, recipiendário de entes queridos que ali em decesso deixam vivas as imorredouras saudades dos que aqui ficaram, velando eternas e chorosas lágrimas, que jamais deixaram de correr por escavados vínculos faciais, profundas e eternas lágrimas dos que também aguardam o dia de se transportarem desta para a glória dos bem-aventurados.

Ah, sepulcro, refúgio dos inumados que esperam do Pai Celestial merecer o perdão dos seus pecados aqui na terra e poder gozar a vida eterna ao lado dos bons.

Como se situam os túmulos capelas e carneiros Ossuário (depósito de ossos)

- I) No primeiro Plano - sepulturas destinadas às Irmãs de Caridade.
- II) No Segundo Plano - Na parede da Igreja (fundos) ou patamar de descida da alameda local de sepultamento de várias pessoas, destinadas aos que ocupavam posições de relevo na cidade: frades, freiras e padres.
- IV) Ainda em redor na mesma parede, placa indicativa da urna onde se acha sepultado o Frei Belchior, capuchinho italiano que, segundo a lenda, faz milagre.

Segue grande espaço com túmulos da maçonaria, uma cruz com cristo;

No início do primeiro plano, túmulo do poeta Quintino Cunha, em cuja lápide com sua fotografia, lê-se na base inferior do túmulo a seguinte inscrição: "O Padre Eterno, segundo refere a história sagrada, tirou o mundo do nada e eu nada tirei do mundo".

O Cemitério São João Batista representa para nós um repositório de imorredouras saudades, onde estão gravadas lembranças, alegrias e tristezas que em cada um de nós se manifestam aguardando de Deus e da sua infinita bondade o perdão para o ente querido devolvido à eternidade possa gozar a felicidade eterna.

E nessa metamorfose possa receber a absolvição dos pecados para ter a feliz ventura de participar na mansão dos justos, por toda a eternidade.

Nesse campo santo todos se igualam, despojados dos poderes e haveres terrenos e se transformam para que purificados apresentem perante o Criador a infinita presença cósmica, onde tudo evolui e toma outra forma.

As crisálidas presas pelas extremidades às folhas ou caules, em breve se transformarão em borboletas e contorcendo fazem sinalização com o corpo em seu habitual movimento antes de se transformarem para colher das flores o pólen... anunciando a chegada do inverno naquele "campo santo" onde só se cultiva a lembrança dos

que partiram desta para uma dimensão maior, deixando as saudades transcendentais, arraigadas ao tempos presentes, pelo coração que não se desvincula dos seres queridos.

Assim são os contrastes que ocorrem em nossas vidas. Enquanto no esquife inerte e inominado pousam crisálidas na vegetação do sepulcro aguardando o momento de sua metamorfose para se desprenderem do casulo e iniciarem o tempo de percurso na terra, embelezando com vôos helicoidais e elípticos, cumprindo efêmero tempo de vida que lhes é reservado, percorrendo um eterno vai e vem, sem perceber que da secreta tumba só o epitáfio será guardião e testemunha dos abutres, corujas e aves de rapina e mau agouro, sobrevoando no alto do firmamento em serena revoada anunciando a chegada de mais um morador, para a "cidade de pés juntos" à espera do anoitecer...

Ali tudo é tão igual!!! Não há lugar para mais rico e nem mais pobre, porque Deus na sua sapiência os uniu sem distinção ou desigualdade. Não há diferença de cor nem poder. No justo Juízo prestamos contas do bem que não fizemos aos necessitados e do mal que praticamos. Por isso cremos que os bons serão bem contemplados e os maus não poderão se aproximar de Deus, porque o bem servirá de escada para a boa-venturança. Os ímpios não conseguem subir a escada que leva ao Todo Poderoso na escalada da salvação.

Com isso, o Campo Santo São João Batista será sempre o refúgio de todos os decessos indiscriminadamente, a começar pelos humildes, em rasas covas com simplório crucifixo, ou outros cercados por pequeno gradeado de ferro roliço com inscrição fixada sobre fria pedra de mármore, indicativa dos nomes e sobrenomes das pessoas afortunadas que se transportaram desta para uma vida melhor. A inscrição perfurada na lápide com baixo ou alto relevo, craveja na lembrança a eternidade de um amor que vem de Deus, permanece em nós, e, até certo e quase inesperado momento, tem que alçar vôo, subindo indefinidamente para nunca mais voltar; deixando gravado em cada letra da lápide sepulcral, as imorredouras saudades, para além da laje tumular e o vazio da ausência, aconchego maior dos que se amam.

No dia 13 de Abril de 2010, Fortaleza completou 284 anos de sua fundação, abracemos com amor, esse torrão natal, para agradecer o solo que nos fez nascer, crescer e alcançar a velhice. E a gratidão por tudo que nos fez vivenciar, o solo que nos servirá de travesseiro na última morada, berço dos antepassados. Genuflexos e com braços e mãos sobre o peito podemos dizer: Fortaleza minha eterna e encantada deusa, mãe de todas as mães e de todos os filhos, eterna no amor maior de todas as coisas e seres desse solo amigo, de quem sou seu eterno apaixonado, e um dos quantos tiveram a grandiosa ventura de ter nascido nesta urbe, tornando-me um dos seus filhos que espontaneamente a elegeram mãe de coração.

O Cemitério Croatá deu origem ao Cemitério São João Batista

Após mudar sua denominação de Cemitério Croatá, conhecido também como Cemitério São Casemiro, teve como administrador durante século XX, Sr. Cândido Maia e depois Marcelo Galvão, Fernando Cavalcante Mota, Elmo Vasconcelos, Hugo Porto, Antonio Carvalho, Antônio Walter Aragão, Denis Marques, Francisco Eider Pinheiro, Luis Alberto Pinto Nogueira, José Bento da Cunha Figueiredo, Rufino de Alencar, José Lourenço de Castro, administração feita pela Santa Casa de Misericórdia, que tinha como Provedor o Desembargador Feliciano de Ataíde, em seguida como Provedor Miguel Santiago Gurgel do Amaral, passando por inúmeras reformas no sentido de dar melhores condições às instalações físicas, abrindo e consertando novos arruamentos, alamedas, plantio de árvores, instalações hidráulicas e outras benfeitorias, contando com o pagamento das taxas de manutenção e outros eventuais tributos destinados à sua conservação.

Logo do portão principal, veem-se túmulos, capelas, carneiros e sepulturas, que continuam a ostentar restos mortais das mais antigas famílias da nossa terra mantendo as mesmas características desde a edificação.

Quem adentra o portão principal, observa túmulos e capelas nos diversos estilos, antigas famílias como do Dr. Guilherme Studart, Barão

de Studart, Visconde do Cauípe, Conrado de Oliveira Cabral, Caio Prado, César Cals, família Cunha, João Dummar, família Pedro Philomeno Ferreira Gomes, grande industrial nesta Capital, Virgílio Moraes, Faria Lemos, Senador Carlos Jereissati, Barão do Crato - Bernardo Duarte Brandão e sua irmã Maria do Rosário Augusta Brandão, família Pamplona, família Olinto Oliveira, um dos mais brilhantes advogados, Sr. Possidônio de Oliveira Cabral, Lauro Chaves Cabral, Carmem Dias da Rocha e Silva Cabral, Dr. Eduardo Henrique Girão, Maria de Jesus Dias da Rocha Girão, Dilma, Carmem, Dolores, Zeneida, Eunice e Ivone Sombra Studart da Fonseca, Dr. Eliezer Studart da Fonseca e sua mulher Ester Salgado Studart da Fonseca, Dr. José da Cunha Sombra e sua mulher Alzira Studart da Fonseca Sombra, Amarílio Proença, Maria Barbosa da Fonseca (Mariquinha), irmã de João da Fonseca Barbosa, nasceu no dia 18/01/1841 e faleceu nesta Capital no dia 22/02/1922; Eduardo Studart da Fonseca, nasceu no dia 14/06/1889 e faleceu no dia 09/02/1962; na Rua 3 n.º 20 - Frederico Dias da Rocha, nasceu no dia 29/12/1845, morreu no dia 02/04/1896, teria hoje 165 anos casado com Umbelina de Pontes.

Joaquim Dias da Rocha, casado com Francisca de Paula Cavalcanti e Frederico Dias da Rocha, eram fortes comerciantes no ramo de secos e molhados, portugueses de Lamego, estabelecidos nas esquinas das ruas Major Facundo com Senador Alencar, um pelo lado leste-sul, hoje Edifício Jangada e o outro pelo lado leste-norte, hoje Edifício Ventura. Tiveram vários filhos, dentre elas Maria de Jesus Dias da Rocha Girão, casada com o Professor e Advogado, Dr. Eduardo Girão, que exerceu também o cargo de Deputado Federal, e, Victória Dias da Rocha, casada com Raymundo de Paula e Silva, avós do autor desta crônica.

Há túmulos, catacumbas e capelas que por suntuosa aparência denunciam a situação econômica dos seus *de cujus* que após a morte mantêm para identificação o nome da família, para que se possa com mais facilidade localizar suas sepulturas. Imponentes nomes cujo tempo de defunção remontam há mais de século, entre aprimoradas esculturas de anjinhos, querubins e arcanjos em puro mármore de rara, de procedência da Itália, Portugal ou Espanha.